

Cíntia

PLÍNIO CABRAL

Dentro de uma hora êle voltará para ouvir-me.

Já não sei o que dizer.

Falei a verdade. Mas êle insiste em ouvir-me. Quer que eu fale.

Primeiro disse-lhe o que tinha acontecido — com tôda a clareza.

Creio que êle não acreditou. Insinuou algumas perguntas. Quis saber de minha infância e, não sei porquê, deixou-me antever coisas estranhas. Eu deveria odiar meu pai — e tinha ciúmes de minha mãe.

Não sei porquê.

Gostava muito do velho, especialmente aos sábados, quando fomos à pesca. De minha mãe, mal recordo. Quando ela morreu eu tinha apenas dois anos.

Portanto, só me resta ficar em silêncio.

Na verdade, creio que êsse médico é meio amalucado.

Não estou doente. Não preciso de um médico. Mas êles insistem.

Meu caso é simples. Basta esperar e tudo será esclarecido. Mas êles parecem não acreditar.

Deixaram-me aqui, em repouso.

O quarto é todo branco e muito vazio.

Existe apenas a cama, também de imaculada brancura — e pobre.

Não há um só quadro nas paredes. Elas estão nuas. Como gosto de quadros, fico a imaginá-los. Fazia isso a êsmo. Depois resolvi ordená-los, distribuindo-os de forma artística. Há um dêles, grande, uma tela, reproduzindo apenas o quebrar de uma onda gigantesca. A onda está sôlta, no ar, como um chicote. É um tanto aterrador. Foi dos primeiros qua-

dros que imaginei. Às vêzes penso desfazer-me dêle. Mas tenho pena. Um dia dêesses vou mudá-lo de lugar, porque êle está "apagando" o coqueirinho, uma gravura muito simpatiquinha. É apenas um coqueiro isolado, esguio e alto, desligado da terra. Muito bonito.

... sei que êle virá daqui a pouco.

Tenho especial habilidade para marcar o tempo. Chego a contá-lo regressivamente. E na hora exata a porta se abre e o médico entra. Êle é baixo. Mas seu rosto é comprido, anguloso. O nariz forma um conjunto com o rosto, como uma saliência na curva de uma telha.

Hoje farei como ontem: não direi nada. Estou farto disso. Por que não me deixam em paz?

Não há culpado.

Nem pode haver.

Cíntia era tudo o que eu tinha. E nela eu amava todos os detalhes da vida: o jeito de ser, de andar, de falar, a maneira de sacudir a cabeça, curvando-a um pouco à esquerda.

Cíntia era amiga. Amiga mesmo.

Encontrei-a num bar. E vocês sabem como?

Estávamos eu e o Blaise.

Blaise é o meu melhor amigo. Sempre andamos juntos. Não me recordo quando começou nossa amizade. Às vêzes tenho a impressão de que somos uma só pessoa...

Eu estava descrevendo a uma mulher ideal, quando Blaise me disse:

— Ei-la!

Cíntia tinha vindo, do balcão para a porta. Olhou-nos e sorriu. Blaise levantou-se. (Êle era assim: tomava decisões rápidas, agia sempre no momento oportuno.)

— A senhorita acaba de ser descoberta. É a mulher ideal aqui do meu amigo...

Ela sorriu. Cíntia era tôda um sorriso. E eu acabara de fazer o seu retrato. Ela cabia inteirinha na descrição.

Quando nos conhecemos ela já era o meu amor há muito tempo. Cheguei a crer em outras vidas. Quem sabe, no passado, noutra encarnação, não tivéramos um romance, uma coisa assim grandiosa, como Romeu e Julieta?

Cíntia ria. E me tratava com a intimidade própria de velhos conhecidos.

Vivíamos juntos. E jamais falamos em casamento. Para quê? Estávamos casados há várias gerações, em outras vidas, sob outros deuses.

Um dia senti que algo se partia.

Foi assim de repente. E de repente compreendi tudo. Blaise, Sim. Blaise gostava de Cíntia. Blaise queria Cíntia.

Foram dias amargos. Eu não sabia o que fazer. Queria Cíntia. E queria Blaise. Queria vê-los felizes. Mas eu também queria ser feliz.

Não — se é isto que vocês estão pensando — digo logo que eu não tinha ciúmes. Tinha pena — porque eu não podia dar Cíntia a Blaise. Bem que eu gostaria de fazê-lo. Mas como ficaria eu?

A resposta veio numa noite de 31 de dezembro.

Eu estava no mar — e olhava o culto de Iemanjá.

Uma velha muito gorda, tão gorda que me parecia uma ilha, jogava flores ao mar.

De repente vi que ela atirava estranhos objetos n'água: um par de óculos, um livro, uma blusa, uma nota, moedas...

Ela viu meu olhar perplexo. Sorriu. Pelo menos penso que ela sorriu. Porque era noite e diante de mim eu só via aquela montanha de carnes a jogar coisas e mais coisas no mar. E então explicou:

— O mar devolve tudo em dôbro...

Num relance percebi que era a resposta. A minha resposta. A solução do meu problema.

Joguei Cíntia ao mar para que êle ma devolvesse em dôbro. Uma para mim, outra para Blaise.

É essa a história. Tão simples — e êles não querem acreditar!